

Universidade de Brasília
IdA - Instituto de Artes

Natália Carreira

Mar Calmo (Nunca Fez Bom Marinheiro)

O álbum musical como exposição em galeria.

Brasília
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu eu do passado, que tomou as decisões que tornaram possível este momento de conclusão de ciclo, pois apesar das dificuldades e das dúvidas não desistiu de mim, pela certeza de que hoje eu seria grata a ela. Por ter deixado para mim, todas as pistas necessárias para que eu encontrasse este caminho.

À minha família, e em especial minha mãe e minha maior colega na profissão artista, Patrícia Carreira, que por mais de duas décadas sempre acreditou que eu poderia ser quem e o que eu decidisse ser, e assim, me ensinou a acreditar em mim mesma, sempre incentivando meu voo. Por ser a base sólida do que eu sou hoje, por ser meu porto seguro e patrocinadora oficial de todas as minhas maluquices.

À Professora Luisa Gunter por me guiar e orientar sempre abrindo portas às minhas ideias mais não-convencionais, dando asas e leveza a este processo.

E por final, a todas as mulheres que vieram antes de mim em existência, e abriram caminhos para que eu tivesse a liberdade de trilhar o meu próprio, tendo coragem de passar por todos os espaços que passo hoje.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho surge da confusa ânsia de encaixar o meu trabalho musical com os meus estudos no curso de Bacharel em Artes Plásticas, trazendo a minha vivência artística como cantora e compositora para dentro do curso.

Sou cantora, componho minhas próprias músicas, e para acompanhar minha voz toco violão, ukulele, e me arrisco em alguns instrumentos como teclado, sintetizadores digitais e escaleta. Além disso, escrevo para além das músicas: desabafos, diários, poemas, teorias de conspiração, insights e explicações sobre o mundo. Rabisco algumas ideias, desenho e pinto de vez em quando, e talvez tenha sido isso que me fez pensar que estudar artes visuais seria uma boa ideia.

Mas há alguns semestres eu percebi que eu não sabia (e talvez, até agora, eu ainda não saiba) o que eu estou fazendo na academia de artes visuais, e por muitas vezes, pensei não *pertencer* a ela. "**Pertencer**" sempre foi um conceito muito pensado, e principalmente **sentido**, por mim. No curso, foram raríssimas as vezes em que me senti "artista o suficiente" para estar lá. Sentia que todos ali eram melhores que eu, tinham ideias melhores que as minhas. Eles tinham estilo definido, referências coerentes, conceitos bem pensados, ideias bem elaboradas, sabiam - ou pareciam muito saber - o que estavam fazendo. Já eu, eu nem era de lá. Não entendia o que estava fazendo ali se eu já sabia que o que eu queria era fazer música.

Em 2017, no meio do curso, lancei meu primeiro EP, intitulado *Pertencer*, gravado de maneira totalmente independente e intimista num quarto de uma república em Brasília. Após o lançamento do EP, tranquei a minha matrícula no semestre seguinte, para focar mais na minha produção musical. Durante esse período escrevi novas músicas, viajei por algumas cidades fazendo shows, e foi fácil perceber que era assim que eu me sentia - *pertencente* - e que era isso que eu queria para a minha vida: focar na minha carreira profissional dentro da indústria da música.

Mas por alguma razão, apesar de pensar várias vezes que talvez a minha melhor saída seria abandonar pela metade o meu bacharelado, resolvi dar uma chance para as minhas possibilidades dentro do curso, e ao decorrer do semestre do meu retorno, também decidi que me formaria. E foi aí que, em algum ponto entre as matérias de

Ateliê e Projeto Interdisciplinar, resolvi expor em sala os meus projetos, ideias e produtos musicais, enquanto meus colegas levavam ideias classicamente consideradas visuais. Durante esse processo de entendimento das minhas criações musicais, visuais e audiovisuais, e a partir das assimilações positivas de meus colegas, percebi que poderia aproveitar meus aprendizados de visuais na minha música, e que minha vivência na música também agregava valor ao meu estudo em artes visuais. E mais: colocando meu trabalho em contato com meus colegas e professores, percebi também, que provavelmente eu era a única a ter dificuldades em reconhecer a ligação entre o que eu insistia em separar como meus trabalhos musicais e as artes visuais.

Como cantora, hoje dou continuidade ao meu trabalho lançando meu primeiro álbum: mar calmo (nunca fez bom marinheiro), e como estudante de artes visuais, meu trabalho e pesquisa buscam o ponto de convergência entre a música e as artes plásticas, dando fim à minha insistente separação entre minha vivência musical e minha vivência acadêmica e visual.

Meu foco agora é unir esse dois universos - que abrangem ainda muitos outros - que ocupo: as artes visuais e a música. Neste trabalho, pretendo discorrer acerca das minhas pessoais ligações com o álbum, a galeria de arte e a música, e defender **a conexão entre o álbum musical e a galeria que expõe objetos de arte**, propondo um modelo de exposição online de um álbum musical, a ser percorrida e contemplada tal qual uma exposição de artes visuais em galeria.

Tenho como objetivo, um resultado interdisciplinar. O meu TCC será não apenas um álbum de música, como se conhece, mas também se desdobrará em uma exposição em galeria online, expondo o álbum, onde cada faixa será exibida como objeto de arte em uma galeria.

O MEU CONCEITO DE ARTE ENQUANTO CAPTURA

Durante todos os anos que eu passei dentro da universidade, a pergunta mais ouvida por mim - e arrisco a dizer que por todos os meus colegas - foi: o que é arte? E apesar de todas as minhas inquietações e ressalvas acerca desta pergunta tão exaustivamente recorrente, consegui alcançar uma conclusão temporária e pessoal - temporária pois considero que conclusões e certezas são sempre passíveis de mudança, e pessoal dado que não tenho nenhuma intenção de convencimento, e sim apenas de compartilhamento de idéias - de que a **arte é qualquer produto que nasça a partir da captura** de algo.

Paisagens, pessoas, animais, objetos, lugares, pensamentos, sensações, conversas... Tudo e qualquer coisa cotidiana pode vir a ser arte. Basta alguém observar, capturar e produzir algo que o sirva de lembrete daquilo que ele pensou e/ou sentiu quando observou. Um texto, uma pétala de flor guardada entre as folhas de um caderno, uma foto, um desenho, uma pintura, uma escultura, uma música... Todo produto artístico guarda em si uma **memória** daquilo que foi observado pelo artista, daquilo que foi sentido .

Arte é o olhar que se dá a algo, arte é a captura do que foi visto. O artista é qualquer um que enxergue algo grande em algo pequeno, e represente aquela ideia de maneira que possa provocar nos outros reflexões não cotidianas e não óbvias acerca daquilo, criando a possibilidade de que também enxerguem o que o artista viu.

"A arte não existe para produzir o visível, e sim para tornar visível o que está além."

— Paul Klee.

A arte serve para tornar visível aquilo que se é sentido através do objeto, mas não necessariamente se remete ao objeto em si.

Todo objeto de arte é registro. Qualquer produto artístico é um registro, uma *fotografia* do que quer que tenha atingido o artista no momento da concepção da ideia que levou à sua produção. É uma representação de uma ideia, memória, sentimento ou sensação íntima, única e pessoal.

O ÁLBUM MUSICAL COMO GALERIA DE ARTE

Se todo objeto de arte é registro, então todo conjunto de objetos de arte é álbum.

Um álbum, segundo o Dicionário Priberam é um:

"Livro em branco para colecionar fotografias, postais, selos, recortes, etc; Livro em branco em que se colecionam notas, pequenas composições literárias, autógrafos, etc; Livro com muitas ilustrações, geralmente acompanhadas de pequenos textos (ex.: álbum de banda desenhada); Obra musical de longa duração, gravada em suporte físico (CD, vinil, etc.) ou digital; [história] Superfície branca, tábua, parede, etc., onde se publicavam os éditos do pretor romano."

É interessante notar o último significado dado por este dicionário para a palavra "álbum", que se remete às origens do termo, onde na Roma antiga, chamava-se de álbum qualquer superfície branca (paredes, tábuas ou pedras pintadas de branco) exposta ao povo, onde os pretores (figura de importância governamental da época) podiam escrever novos decretos, normas e informativos.

Assim, entendo que um álbum é, inicialmente, qualquer espaço em branco, vazio, que possa receber e expor algo em suas lacunas, um lugar para se guardar coisas, resultando num acúmulo de objetos semelhantes. É um acervo, um arquivo, uma coleção, uma exposição. Um espaço onde dispõe-se uma série de objetos que conversam entre si, unidos por um fator em comum, seja estético ou narrativo, de maneira que a construção de sentido e contexto seja dada a partir da observação de todos juntos, sem que seja perdido o significado de cada objeto enquanto unidade.

Dessa mesma maneira, a galeria de arte também pode ser vista como álbum, ou um álbum pode ser considerado uma galeria. A galeria de arte é um espaço em branco, recorrentemente neutro, para que sejam expostas obras de arte que conversem entre si, visto que a curadoria de uma exposição de arte une objetos na busca de uma construção de sentido, para que sejam contemplados um em seguida do outro, levando os sentidos do espectador por um caminho premeditado. Uma exposição de arte tem critérios para unir objetos e artistas a partir de uma temática, um contexto histórico, regional, técnica ou estilo comum entre artistas.

O álbum musical é uma curadoria de músicas de um artista - ou vários (coletânea) - exibidas juntas para serem escutadas e vivenciadas conjuntamente, atadas por um laço de pertencimento que as une em nome de uma mensagem, uma história, uma linha temporal, ou uma sensação, de forma que uma faixa necessita da outra para ter seu sentido completo, assim como as obras visuais de uma exposição de galeria.

Além disso, podemos entender também o próprio fonograma musical (arquivo de áudio digital ou analógico onde reside a gravação da música, por exemplo um arquivo em .mp3) enquanto *fotografia*, e o momento da gravação daquela música enquanto o momento de fotografar. Como me disse um dia destes, Paulo Chaves, meu amigo e professor de canto, durante uma de nossas aulas, a fim de me tranquilizar sobre uma gravação de voz que eu faria no dia seguinte: "A gravação de uma música é uma foto." O momento de gravação é o momento onde se registra tudo que você sabe fazer, o que você sente, como você entende e interpreta aquela música naquele exato instante. Enquanto cantora, isso fica muito claro pra mim, pois sei que em dias que não estou muito bem psicologicamente, estou distraída, minha voz está cansada, ou se sinto algo incômodo no corpo, é praticamente impossível gravar minha voz de uma maneira que me satisfaça no final. Assim como se você está com um olho roxo e tira uma foto, seu hematoma aparece na foto e fica registrado enquanto a foto existir, e serve como um registro histórico pessoal, de que em algum passado próximo daquela foto, você machucou seu olho. Aquele é você naquele momento. E assim é com a música. Se eu regravasse uma canção antiga minha no dia de hoje, certamente sairia bem diferente do que quando a gravei pela primeira vez há anos atrás, pois além da evolução técnica, estilística e performática que se aperfeiçoa com o tempo, existem esses fatores mutáveis que dependem de como meu corpo e mente respondem em cada dia.

Dessa maneira, qualquer expressão artística acaba sendo, obrigatoriamente, sem que o artista se dê conta, um registro dele mesmo. Um registro de quem ele era naquele momento, um registro de como ele pensava e sentia naquele instante. É uma prova das técnicas que ele possui no momento daquela pincelada, ou daquela escrita, ou daquele movimento, ou daquele grito.

Nossa arte é sempre um registro de nós mesmos, é impossível criar algo que não venha de dentro de nós, que não nos grave, que não nos acuse, que não nos revele. Gostaria de citar aqui também, Elder Rocha, professor com quem tive o prazer de estudar pintura por dois semestres na UnB, que em meio de uma das minhas *crises de excesso de auto percepção*, preocupada em "não ter estilo próprio" me disse algo que me marcou: "Não tem como você produzir nada que não seja a sua cara, tudo que você fizer tem o seu estilo, porque foi você que fez." E isso acontece justamente porque qualquer fotografia que eu tirar, qualquer frase por mim cantada em qualquer tom, gravadas em diferentes microfones, em diferentes dias, qualquer pintura, rabisco, desenho ou escrita, caprichada ou corrida, possui um pedaço de mim, e disso não tem como fugir. E isso me liberta, liberta minha produção, abre espaço para que eu permita que todas as minhas ideias floresçam. Pois tudo que eu faço, fui eu quem fiz, não há como me trair. Onde quer que eu esteja, eu estou.

EU E O ÁLBUM

Quando paro para refletir e fazer uma auto análise retroativa, percebo que eu sempre tive uma conexão muito íntima com o conceito de álbum enquanto "*espaço em branco para colecionar memórias*" de várias maneiras:

O diário: Quando eu era pré adolescente escrevia em diários todos os meus pensamentos, sentimentos e experiências, da maneira mais dramática que uma pré-adolescente poderia descrever. Posteriormente, o blog tomou seu lugar enquanto diário na minha adolescência, mas com a diferença fundamental de que deixou de ser um espaço privado e secreto, escondido a qualquer custo, para se tornar público, expositivo, compartilhável e criticável. O diário enquanto álbum de desabafos e relatos provavelmente foi uma das prerrogativas para o que futuramente se desenvolveria para o meu processo de composição musical, pois é notável que ainda escrevo como quem se confessa, registrando meus dias e pensamentos, contando histórias e escrevendo cartas.

As paredes do meu quarto: Os atraentes espaços em branco das paredes dos meus quartos sempre foram preenchidos por grandes pinturas, desenhos e escritas feitas diretamente na parede, além de receberem penduricalhos, pôsteres, desenhos, recortes e fotos. Eu vejo espaços em branco como oportunidades de me expressar, registrar e deixar marcado minha existência, minha ocupação naquele espaço e tempo. As paredes do quarto passam a ser como paredes de uma galeria íntima, feita e ocupada por mim todos os dias.

As caixinhas de memórias: Durante quase toda a minha vida, por iniciativa própria, mesmo que desde muito pequena, eu tenho guardado caixas com algo que vou intitular carinhosamente de "*cacarecos afetivos*", que seriam cartinhas de amigas, desenhos, miniaturas, ingressos de cinema ou shows, fotos 3x4, lacinhos de presentes que recebi, bilhetes, etiquetas, pétalas secas de flores, tudo e qualquer coisa que fosse pequeno e me fizesse lembrar de alguém, de algum lugar, ou de algum momento. Não sei quando foi que comecei a colecionar esses cacarecos afetivos, e muito menos de onde tirei essa ideia tão cedo, mas sei que com o tempo acabei acumulando uma certa quantidade de caixas de memórias, caixas que são acervos pessoais de objetos

ordinários, sem nenhum valor financeiro, e que para muitos até podem ser considerados como lixo, mas que juntos têm um valor extremamente íntimo e pessoal.

Meu corpo: Este sempre foi pra mim um espaço a ser preenchido. Desde muito nova, com 14 anos (há dez anos atrás) comecei a pintar meu cabelo e desde então, nunca mais parei. Foram cores cada vez mais diferentes, às vezes somando duas ou três cores juntas, sem contar os cortes de cabelo inusitados, que assim como as tinturas, eu mesma fazia sozinha em casa. Testava várias tintas e maneiras de pintar e cortar o cabelo, e esse momento íntimo com meu espelho do banheiro era um processo criativo. Mais tarde, vieram as tatuagens, que preenchem cada vez mais o espaço em branco da minha pele. Minha pele é como as paredes dos lugares que já habitei: não fazem sentido se estiver em branco. A tatuagem pra mim além de ser também estética, é história, é gravação. Cada tatuagem que possuo certamente é um registro de quem eu era no momento em que a fiz, e justamente por esse motivo, apesar de hoje em dia, não achar todas bonitas, e saber que algumas delas eu não faria novamente, tenho carinho por todas elas, sem arrependimentos, pois elas me lembram de quem eu fui no momento do registro.

Mas um desses contatos com o registro de momentos foi o mais crucial para mim: **o álbum de fotografia**. Desde que nasci, (na verdade desde muito antes, pois minha mãe já se registrava, e quando engravidou de mim, capturava fotografias dos processos da gravidez) minha mãe e minha avó tinham o hábito de fotografar em câmera ainda analógica, revelar os filmes, e expor as fotos juntas em uma narrativa temporal, com legendas explicativas ou ilustrativas escritas à mão. As legendas, que normalmente traziam um ar engraçado para as fotos, além de contextualizá-las, às vezes também "traduziam" os meus pensamentos de bebê e criança, a partir das minhas expressões faciais.

E assim, minha infância foi toda registrada, com fotos de todos os tipos de momentos, dos mais corriqueiros às datas comemorativas como aniversários e dentes de leite caídos, expostas em ordem cronológica dentro dos incontáveis álbuns de fotografia, que por sua vez, também eram expostos juntos, em ordem cronológica, em uma estante. Hoje, estes álbuns são pra mim preciosos objetos de memória, tanto pessoal quanto histórica.

O fato de eu ter crescido sendo visualmente registrada, sentindo na minha criação o zelo por minhas histórias e lembranças, e observando o capricho para com estes objetos porta-memória, certamente influenciou a minha relação com minhas histórias e memórias, e meu olhar observador acerca dos detalhes cotidianos, e isso é fortemente notável em minhas produções artísticas visuais e também nas minhas composições musicais. Sinto que minhas músicas facilmente podem ser vistas como fotografias instantâneas de momentos vivenciados por mim. Meu processo criativo se dá muito na captação de momentos cotidianos e espontâneos com belezas ou melancolias subscritas em seus detalhes. Além disso, a estética "caseira", "simples" e "afetiva" sempre me agradaram muito e também estão presentes na maioria dos meus trabalhos.

Meu álbum musical se parece com um álbum de fotografias, e mais precisamente, com os álbuns de fotografias da minha infância, feitos pela minha mãe. E dessa maneira, a exposição deste álbum musical, se baseará em meus álbuns de infância, sendo a junção de momentos espontâneos capturados com carinho, explicados com leveza, e postos lado a lado, levando o espectador a percorrer a narrativa que se constrói entre uma música e outra, como um álbum de fotografias que é exibido na sala de estar, para a visita que chega na casa da família e pode se transportar para as histórias contadas pelos familiares enquanto folheiam as páginas, e vivenciar os momentos representados.

MAR CALMO (NUNCA FEZ BOM MARINHEIRO)

Eu acho que a gente é feito de histórias, né?

De memórias que de alguma forma, se fixam na nossa mente, no nosso corpo, e em lugares que a gente nem consegue explicar.

E essas coisas moldam a mim, e moldam você...

E as histórias, são feitas de momentos, momentos que enquanto estão sendo vividos, a gente nem percebe que eles são grandiosos. Nossa história é uma junção de acasos que acaba traçando uma linha do tempo. E a gente só percebe a grandiosidade desses pequenos momentos quando por algum motivo, nos damos conta que viemos parar em um lugar inesperado, percebemos que se algum detalhe tivesse sido diferente, estaríamos agora em um outro lugar.

Talvez se eu tivesse acordado mais tarde no primeiro dia de aula, se eu não tivesse ido para aquela festa, se eu não tivesse pego meu celular naquele exato momento onde desbloqueando a tela eu me deparei com você na primeira postagem, tudo teria sido diferente.

Se eu não tivesse conhecido você...

Talvez eu nem estaria escrevendo esse álbum...

Talvez eu não seria eu.

Aliás, com certeza eu não seria eu,

Eu seria outra pessoa.

Eu sou a junção de todas as pessoas que eu já amei. Somada as poucas pessoas que eu odiei, e as que admirei, e as que invejei, e até as pessoas que passaram despercebidas por mim na rua. Eu sou ao mesmo tempo, a cópia dos meus pais e a distância que eu quero tomar disso.

Eu sou uma repetição de mim mesma,

eu sou o passado do meu futuro,

e o futuro do meu passado.

Eu sou o presente

mas eu não sei o que isso significa.

E eu acho que tudo se move assim:
em ciclo.

O amor, a felicidade, a dor, o sofrimento, a cura...

Mar calmo nunca fez bom marinheiro....
Talvez faça parte da cura justificar a dor.

Eu não sei se a gente precisa sofrer pra aprender, tem gente que acha. As pessoas dizem que são gratas por terem sofrido pois hoje são o que são. E eu entendo, já me senti grata por isso também.

Mas se nós somos o que somos pelo que já vivemos independente do que tenha sido, será que realmente precisamos sofrer? Ou será que isso é apenas algo que repetimos a nós mesmos, depois que algo ruim aconteceu, para nos convencer de que nossa dor serviu de alguma coisa?

Talvez a melhor coisa seria nos convencer que a gente precisava disso,
sendo que na verdade a gente só...
superou...

Mar calmo nunca fez bom marinheiro pode ser uma coisa que a gente fala depois de ter
passado por uma tempestade imensa,

Mas na verdade tudo que a gente queria,
era não ter passado por ela.

Os meios justificam os fins, se a gente quiser. Não sei até que ponto precisamos sofrer pra crescer, sofrer pra aprender, sofrer pra depois dizer: Não, que bom que isso aconteceu comigo, porque agora eu sou melhor.

Mas eu sou isso:

todos os mares bravos que eu preferia não ter enfrentado,
e todas as paisagens calmas,
todo o meu caminho até aqui.

As vezes eu penso que é estranho imaginar que você não estava lá,
e é por isso que eu quero te contar,

Esse álbum vai falar um pouco de tudo isso:

tudo que faz eu ser eu e você ser você.

E minhas memórias, e dores, e fotografias.

E os medos. E as quedas. E os recomeços

Esse ditado popular, conhecido por muitos de nós, é algo que me foi dito uma vez por alguém que muito amo, e que muito já sofreu. Mas essa frase me causa incômodo, sinto que parece ser repetida automaticamente como tantos outros bordões, romântica e ingenuamente a fim de justificar e naturalizar o sofrimento que que nenhum de nós deveria gostar de viver.

Ao mesmo tempo, me instiga. Me faz ver beleza na dor superada, nas feridas estancadas, nas histórias que nos fazem ser quem somos, nas cicatrizes que carregamos. Se calca na consciência de que, **sem ter sido quem já fomos, jamais seríamos quem somos hoje**. Sinto que cada detalhe de cada pequeno momento de nossas peculiares, pessoais e únicas histórias, são cruciais para a determinação do que somos, como agimos, como pensamos, são as nossas experiências que ditam nossos medos, traumas, afetos, alegrias. Somos a junção de todos esses fatores, sejam eles prazerosos ou traumáticos.

Também me faz pensar na impotência humana de evitar a nossa própria dor, e a dor de quem se ama. Penso no carinho que tenho pelas minhas lembranças, e pelas lembranças de quem amo, como se as ouvindo eu pudesse me transportar para cenas que jamais presenciei, e compreender o sentimento que não é meu. E me transportando pra esse lugar eu consigo capturar fotos desses momentos, dessas lembranças, como capturo das minhas. Na verdade sou capaz de capturar a minha própria memória da memória do outro.

É sobre isso que meu álbum mar calmo (nunca fez bom marinheiro) fala. Ele é um álbum das minhas fotografias pessoais, íntimas e nuas, somadas às fotografias de pessoas que eu amo, e me presentearam com elas.

<https://www.youtube.com/watch?v=kgFrQ2kAO-Y&t=102s>

MATERIALIZANDO MEU ÁLBUM-EXPOSIÇÃO

Meu trabalho, que se materializa inicialmente em um álbum musical, será composto por faixas de música escritas por mim, que conversam entre si através deste conceito poético que as une: "mar calmo (nunca fez bom marinheiro)". As faixas passarão por esta dualidade de sensações: não acreditar que precisamos sofrer, e ao mesmo tempo ver o resultado da dor como algo positivo.

O álbum tem uma textura mais eletrônica com mais elementos sintéticos e experimentais e letras mais sóbrias do que as do meu primeiro lançamento, EP *Pertencer*, e certamente mostra mais maturidade de composição, criação artística e execução técnica.

Para viabilizar todos os processos de criação e produção do álbum, lancei um financiamento coletivo online em novembro de 2019 onde as pessoas interessadas puderam colaborar com qualquer quantia e receber recompensas em troca. Foram arrecadados R\$5.144,00 para auxiliar na produção do álbum.

Considero importante frisar também que em todas as etapas do projeto há a preferência na contratação de profissionais mulheres e/ou LGBTQIA e pessoas não brancas, dando maior significado a todo o processo, e valorizando o trabalho destes artistas e profissionais independentes.

O álbum-exposição se dá de maneira online neste momento, devido às novas condições de vida estabelecidas de acordo com a prevenção da pandemia de Covid-19, mas há a intenção de ser materializada futuramente de maneira que possibilite visitação presencial. O site do álbum-exposição é aberto ao público de maneira gratuita, e foi elaborado de maneira a se assemelhar com uma galeria, guiando um percurso coerente entre as obras. As obras são as músicas do álbum, cada uma exposta separadamente em formato MP3 para serem ouvidas, acompanhadas por sua ficha técnica, letra e curiosidades.

Os áudios das músicas serão expostos como obra em si, sozinhos enquanto música, não necessitando de nenhum apoio em um produto visual para ser legitimada enquanto pertencente a uma galeria.

Para a experiência de visitação ser - quase - completa, o site possui também, mensagem de boas vindas, folha de visitação para ser assinada e preenchida pelos visitantes que podem adicionar seu nome, data de visitação e comentários sobre a exposição, releases e curiosidades sobre as obras disponíveis, na intenção de preencher as lacunas criadas pela falta de hosters e mediadores culturais, e criar a sensação de estar sendo guiado por uma exposição presencial.

VISITE A EXPOSIÇÃO ONLINE

<https://www.nataliacarreira.com.br/galeriadearte>

FONTES

Klee, Paul (1920). *Creative Credo*.

Dicionário Online Priberam: <https://dicionario.priberam.org/%C3%A1bum>

Oliveira, Irineu de Souza (1998). *Programa Do Direito Romano*. Canoas/RS: ULBRA

INSPIRAÇÕES:

Maia, Carolina E. S. da R. (2015). *Aqui sou Uma Experimentação da Imagem Onírica*. TCC do Bacharelado em Artes Visuais - IdA/UnB.

Coutinho, Bárbara e Tostões, Ana (2014). *A exposição como “obra de arte total”: O MUDE como caso de estudo*. MIDAS - Online nº 4. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/694#tocfrom1n2>

Ribeiro, Angélica (2018). *A diferença entre galerias e museus de arte (Site da artista)*. <https://por.routestofinance.com/what-is-difference-between-an-art-gallery-and-an-art-museum>

Sá, Simone P. de (2006) *Mediações Musicais através dos Telefones Celulares*. in: Freire Fº, João e Janotti Jr., Jeder (orgs). *Comunicação & Música Popular Massiva*. Salvador: EdUFBA.

EXPOSIÇÕES ONLINE:

Museu Casa de Portinari/ SP:

<https://www.museucasadeportinari.org.br/exposicoes-virtuais/>

Portinari. Mestiço. Pinacoteca/SP:

<https://artsandculture.google.com/story/mesti%C3%A7o/sQJCh9UqzExYLQ>

A mulher na Revolução de 32. MIS:

<https://artsandculture.google.com/exhibit/a-mulher-na-revolu%C3%A7%C3%A3o-de-32/6wJSXg7DS8ZpKg>